

REVISTA PORTO

Programa de Pós-Graduação em História da UFRN

Volume 1 | Número 2 | 2012.1

**Leitores e questões identitárias no Brasil
oitocentista**

**Reading and identity questions in Brazil during the
19th century**

Katia Aily Franco de Camargo

*Professora Adjunta do Departamento de Línguas e Literaturas
estrangeiras modernas- UFRN.*

Doutora em Letras – USP.

Revista Porto 1 (2): 70-92 [2012]

Recebido em 30/05/2012 – Aprovado em 20/08/2012

REVISTA PORTO

Resumo: O presente artigo procura demonstrar a importância da leitura do periódico parisiense, *Revue des Deux Mondes*, no Brasil oitocentista. Para tanto, partimos de um breve histórico da *Revue*, da apresentação de textos que publicou sobre o Brasil, principalmente durante a segunda metade do século XIX, e da repercussão que esses textos tiveram deste lado do Atlântico, contribuindo, por meio das reações dos leitores, entre as quais as do Visconde de Tanay, para se pensar a questão da identidade nacional.

Palavras-chave: História da leitura. Visconde de Taunay. *Revue des Deux Mondes*.

Abstract: The purpose of this article is to demonstrate the importance of *Revue des Deux Mondes*'s reading in Brazil. To attempt this objective we started by a short historical of this Review, a presentation of some articles that was published on it during the 19th century, how they were received by the brazilians readings, for example Visconde de Taunay and, tho finish, how they contributed to think the brazilian identity.

Keywords: History of reading. Visconde de Taunay. *Revue des Deux Mondes*.

...C'est la France qui, en envoyant ses livres, ses revues et ses journaux, importe et développe le plus au Brésil l'amour des lettres, des arts e des sciences. La langue française fait partie de l'éducation du peuple. Dans les écoles, dans les lycées, dans les facultés d'instruction supérieure, dans les études spéciales, dans les beaux-arts et au théâtre, on subit l'influence intellectuelle de la France...¹

Em terras brasileiras, durante o Segundo reinado (1840-1889), a *Revue des Deux Mondes*, revista parisiense publicada a partir de 1829, teve grande repercussão, a despeito da falta de traços de assinantes particulares brasileiros nos arquivos parisienses (IMEC e Institut de France).

Em seus artigos dedicados à monarquia brasileira, cerca de trinta, encontra-se uma profusão de heteroimagens do Brasil que não desviam de todo das representações comumente elaboradas sobre nosso país durante o século XIX, ou seja, a exuberância da fauna e da flora, com sua vegetação edênica, suas riquezas minerais, o alto grau de miscigenação, o índio e a escravidão. Mas a *Revue* trazia também um "projeto" civilizatório em consonância com o que acontecia na França nesse período. Lígia Osório Silva, em seu artigo "Propaganda e realidade: a imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX" (2001) apresenta, de maneira bastante condensada, esse quadro político-social francês no qual se insere a construção de heteroimagens brasileiras por parte dos "analistas e viajantes" em meados do século XIX e que irão nutrir, inclusive, as páginas da *Revue des Deux Mondes*. Segundo a autora,

A imagem do Império do Brasil refletida na bibliografia produzida pelos analistas e viajantes, na França, em meados do século XIX sofreu o efeito de duas ordens de acontecimentos. De um lado, daqueles decorrentes dos interesses franceses ligados à imigração e ao desenvolvimento dos negócios da burguesia comercial e, de outro, das variações na política interna e externa brasileiras, sobretudo na questão imigratória. Nas décadas imediatamente anteriores a 1850, o governo imperial desafiou a Inglaterra ao manter o tráfico Atlântico de escravos e sofreu retaliações que quase levaram

¹ SILVA, Pereira da. Le Brésil en 1858 sous l'empereur D. Pedro II. *Revue des Deux Mondes*. 15 mar.1858, p. 834.

ao conflito aberto entre os dois países. Para muitos observadores, a confrontação entre os dois países teria repercussões a nível das relações comerciais, o que poderia beneficiar os interesses comerciais da França. Em consequência, muito se escreveu com a intenção de divulgar as características do Brasil, estimular a imigração francesa e assim fortalecer o comércio entre os dois países. Após a promulgação da lei Euzébio de Queiroz, o assunto que passou a chamar a atenção dos observadores franceses, tanto por motivos internos à França, quanto pela política implementada pelo governo imperial, foi a “colonização moderna”, questão que ocupou uma parte significativa dos intelectuais ingleses nos anos 1830 e 1840 e que também ganhou os analistas franceses, sobretudo a partir dos anos 1840. Finalmente, no último quartel do século, dois acontecimentos se refletiram na relação entre os dois países: do lado francês, a derrota na Guerra Franco Prussiana e o comportamento da curva demográfica provocaram uma inflexão na política oficial francesa, quanto à questão emigratória; do lado brasileiro, a eclosão da Guerra do Paraguai, transformou a visão pacífica que se tinha do Brasil, na medida em que o Império teve sua imagem associada à uma política de expansionismo continental.

Os livros e artigos publicados na França sobre o Brasil, em meados no século XIX, refletiram esses temas em consonância com as alterações demográficas, econômicas e políticas da sociedade francesa.

A colonização do Brasil tal como se espalhou na França em meados do século XIX dirigia-se a uma emigração de massa e tinha como chamariz a possibilidade do colono se tornar proprietário. A imagem transmitida pelos propagandistas do Império naturalmente suscitou críticas.

Parte deste debate deu substância à idade de ouro da *Revue des Deux Mondes* ...

Essas ideias – exploração do interior, introdução de técnicas agrícolas eficientes, alastramento das vias de comunicação, abolição da escravidão e introdução de colonos europeus –, encontram-se presentes na obra de Alfredo d’Escagnolle Taunay e pretendemos analisar, em parte, aqui.

Os leitores da Revue des Deux Mondes no Brasil

Não podemos afirmar categoricamente que a *Revue des Deux Mondes* tivesse aqui o maior número de seus subscritores fora da França, como nos informa Sodré em sua *História da imprensa no Brasil* (SODRE, 1998, p. 197), mas podemos atestar sua presença e sua

leitura por meio de anúncios em jornais, artigos publicados em resposta a certos “insultos impressos” pela *Revue*, cartas, inventários, menções na literatura e como parte do acervo de bibliotecas públicas e particulares.

Emile Adêt, em artigo publicado na *Minerva Brasiliense*, nos traz algumas informações relevantes sobre a leitura e circulação da *Revue*. Segundo ele, os números de seus exemplares que circulavam no Rio de Janeiro eram limitados e havia quem fizesse cópia manuscrita dos artigos:

Numero assaz limitado de exemplares da *Revista dos Dois Mundos* vem ao Rio de Janeiro; os quaes, antes que eu tivesse conhecimento do artigo a que respondo, passaram as mãos que o monopolisaram, e que me não permittiram lel-o senão n'huma copia exacta que fizera um curioso, que teve a bondade de m'a emprestar por alguns instantes; faltavam as reflexões sobre a revolução de Minas, de que nada direi por conseguinte, e que me dissera existir no original. Fallarei pois deste artigo, depois de huma leitura attenta, porém unica, e com o soccorro da memoria.²

Os interessados em ler o periódico, e que não tinham um amigo curioso que fizesse uma cópia dos artigos e que também não podiam arcar com o elevado preço de sua assinatura, 21\$ para o ano de 1851³, podiam consultá-la em uma biblioteca ou gabinete de leitura, como foi o caso de Machado de Assis que, apesar de leitor assíduo, possuía apenas um único exemplar de 1852 da tão admirada *Revue des Deux Mondes*, conforme levantamento realizado em seu acervo pessoal, hoje guardado na Academia Brasileira de Letras.⁴

² ADÊT, Emile. Resposta ao artigo da Revista dos Dois Mundos, intitulado – Do Brasil em 1844; situação moral, política, comercial e financeira. *Minerva Brasiliense*. v. II, n. 23, 1844. p.720.

³ "O que representa 1\$, 2\$ ou 4\$ na economia de uma família carioca? Um sapato de verniz ficava entre 3\$200 e 3\$500, sendo o par de meias vendido a 1\$800. Uma costureira cobrava 5\$ pela confecção de um vestido. O Colégio Vitório, melhor estabelecimento de ensino particular da Corte, cobrava uma mensalidade de 18\$ por aluno primário, em regime de meia pensão, e 30\$ com diária completa. [...] Enquanto isso, o salário de um funcionário público com alguma qualificação era de 800\$ anuais, mais 400\$ de gratificação. Ou seja, 100\$ mensais, o suficiente para não morrer de fome. [...]”Cf. MACHADO, U. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 73.

⁴ Cf. JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

Em 01/02/1850 o *Jornal do Comércio* publica anúncio de um Gabinete de Leitura, incluindo nele as obras disponíveis para consulta e empréstimo a seus sócios, e o preço da mensalidade:

ABONNEMENT DE LECTURE

A la Libraire Belge Française,
R. do Ouvidor n.105

Les ouvrages nouveaux ci après sont a disposition de MM. les abonnés: A. Dumas fils, *Le roman d'une femme*, 4 vols; A. Luchet, *L'éventail d'ivoire*, 2 vols; Marquis de Foudras, *Jacques de Broncion*, 5 vols; Dash, *Les degrés de l'échelle*, 6 vols; Roger de Beauvoir, *Memóire de Mlle. Mars*, 1 vol; X. de Monteppin, *Conféssion d'un bohême*, 2 vols; P. Féval, *Le ouvrier de Paris*; idem, *Le jeu de la mort*, 2 vols; Proudhon, *Memóire d'un revolucionnaire*; A. de Lamartine, *Les mémoires d'un notaire*, 3 vols; (...); *Revue de Deux Mondes*, novembre.
Priz de l'abonnement 2\$000 par mois.

Nas *Crônicas - História de 15 dias* (1877), Machado faz uma espécie de publicidade para a *Revue*, informando a seu leitor onde ela poderia ser consultada:

Vou dar agora uma novidade, a mais de um leitor.
Sabes tu, político ou literato, poeta ou gamenho, sabes que há aí perto, na cidade de Valença, uma biblioteca municipal, a qual possui uma coleção da *Revue des Deux Mondes*, a qual coleção está toda anotada pela mão de Guizot, a cuja biblioteca pertenceu?
Talvez não saibas: fica sabendo.

Como disse Machado de Assis, a revista interessava a “político ou literato, poeta ou gamenho”, isto é, a uma ampla gama de leitores. Afinal, até a cidade de Valença, situada no Vale do Paraíba (RJ) possuía em sua biblioteca não uma mera coleção da *Revue*, mas uma coleção inteira anotada pelo político conservador francês François Guizot, que fez parte do governo de Luís Felipe e colaborou com o periódico parisiense. A crônica de Machado atesta,

portanto, como bem lembrou Marcelo Parreira em sua tese *Estratégias do falso* (2007), tanto o prestígio da *Revue* quanto, e principalmente, o de uma cidade como Valença, pequena mas na época importante produtora de café, por dispor de tão célebres exemplares. Segundo nos informou o bibliotecário responsável pela biblioteca em 2004, a coleção foi destruída em um sinistro (2001) que danificou toda a biblioteca pública desta cidade.⁵ No entanto, recentemente, a professora e pesquisadora Lúcia Bastos sugeriu que talvez a coleção ainda exista, mas guardada na biblioteca particular de uma fazenda do Vale do Paraíba. Fica aqui a dúvida.

Outras bibliotecas, em outras cidades brasileiras, também possuíam coleções do periódico francês, como, por exemplo, o Gabinete Português de Leitura e o Gabinete Literário, ambos em Pernambuco, a Biblioteca Pública da Bahia, a Biblioteca Fluminense e o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Atualmente, coleções completas, ou quase, podem ser consultadas na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (SP), que possui aquela pertencente ao Dr. Elias Pacheco Chaves, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP-SP, encontram-se os exemplares que foram de José Feliciano de Oliveira, na Faculdade de Direito da USP, dentre outras instituições espalhadas por Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Distrito Federal.⁶

Segundo levantamento realizado por Nelson Schapochnick (1999), na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e em outras instituições culturais cariocas de destaque no século XIX, a *Revue des Deux Mondes* era um dos periódicos estrangeiros mais consultados, juntamente com o lisboeta *O Panorama*, e os fluminenses *Minerva Brasiliense*, *Guanabara*, *Íris* e *Beija-Flor*.

Sua difusão e aceitação são ainda lembradas por Emília Viotti da Costa, em seu estudo sobre a influência francesa em São Paulo, na segunda metade do século XIX: “Revistas e

⁵ Devemos esta informação ao bibliotecário desta Biblioteca Pública da cidade de Valença, que, em conversa telefônica, em 2004, nos contou o ocorrido.

⁶ Levantamento realizado por meio do sistema COMUT aponta exemplares da revista nas seguintes instituições: UFBA (BA), CD e FUB (DF), UFMG e UFOP (MG), FUNDAJ, UFPE, UNICAP (PE), AN/BT, UFF, UFRJ (RJ), UNESP, USP (SP). Os exemplares encadernados possuem em sua lombada o nome do antigo proprietário gravado. Em *Palácio dos destinos cruzados*, Tânia Bessone, após criterioso levantamento em arquivos públicos, elenca o acervo de algumas bibliotecas particulares, principalmente de médicos e advogados, nas quais, por vezes, encontra-se a *Revue des Deux Mondes*.

jornais franceses obtinham grande aceitação na sociedade paulistana. A *Revue des Deux Mondes* e *l'Illustration* eram as preferidas”.

Essa revista francesa era lida, também, pelos estadistas do Império, principalmente pelo imperador D. Pedro II, sendo considerada, por isso, símbolo do saber superior e elitizado, como nos mostra Ana Luiza Martins em seu livro *Revistas em revista* e também Nelson W. Sodré: “Era de bom tom, nas rodas políticas provar prendas literárias. A *Revue des Deux Mondes* tornara-se leitura habitual do Imperador e ‘principal alimento espiritual dos estadistas brasileiros’. [...] Propalava-se que era a única leitura do conselheiro Saraiva; D. Pedro, sabendo disso afirmou categórico: ‘É quanto basta’”.⁷

Em artigo publicado na *Revue* sob o título de "Le Brésil en 1858 sous l'Empereur Dom Pedro II", com o qual abrimos a presente reflexão, Pereira da Silva traz ao leitor informações importantes sobre a forte presença cultural francesa no Brasil da segunda metade do século XIX e acrescenta dados sobre a relevância da *Revue* para as elites brasileiras.

Tout ce qui a été publié jusqu'ici cependant ne donne pas une idée suffisamment exacte de ses institutions politiques, de ses rapports extérieurs, et surtout du rôle qu'il joue dans l'Amérique du Sud, rôle qui prépare et définit son influence future dans cette partie du monde.

Sua circulação é sugerida também por menções em obras literárias, como, por exemplo, em *Quincas Borba*, do já mencionado leitor Machado de Assis⁸, quando coloca a "*Revista dos Dous Mundos*" entre as mãos de sua personagem Sofia. Para repousar, a esposa de Palha corre os olhos pelas páginas do último exemplar da revista. Não se trata, segundo análise de Parreira (2007), de se informar sobre os mais recentes acontecimentos políticos e sociais, tampouco de acompanhar um folhetim de sucesso. O fato de Sofia ter feito o marido

⁷ MARTINS, A. L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001. p.197.

⁸ Parreira afirma, retomando análise de Roberto Schwarz, que Machado tomou os ensaios da revista, principalmente os de Charles de Mazade, como mote de sua retórica conservadora. PARREIRA, M. P. *Estratégias do falso: realidade possível em Henry James e Machado de Assis*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2007. p. 18.

assinar a revista está muito mais relacionado com a necessidade de ela obedecer aos requisitos da elite supostamente bem-informada, como já nos lembrou Sodré:

... Afinal, deixou a vista da chuva e do nevoeiro, estava cansada, e para repousar, foi abrir as folhas do último número da *Revista dos Dous Mundos*. Um dia no melhor dos trabalhos da comissão das Alagoas, perguntara-lhe uma das elegantes do tempo, casada com um senador.

—Está lendo o romance de Feuillet, na *Revista dos Dous Mundos*?

—Estou, acudiu Sofia; é muito interessante.

Não estava lendo, nem conhecia a Revista; mas, no dia seguinte pediu ao marido que a assinasse; leu o romance, leu os que saíram depois, e falava de todos os que lera ou ia lendo. Abertas as folhas daquele número, e acabada uma novela, Sofia recolheu-se ao quarto e atirou-se à cama... (cap. CLXI).

Nesse romance, conforme mostra Gilberto Pinheiro Passos, estamos diante da galomania reinante na corte, no século XIX, de que a *Revue des Deux Mondes* é um dos baluartes, já que se apresenta com uma circulação invejável, trazendo novamente a lume a questão da visão que os brasileiros acabavam por ter de si mesmos a partir das imagens desenvolvidas pela publicação. Iremos nos deter mais nessa questão mais adiante, quando nos debruçarmos sobre a obra de Taunay.

Além de Machado de Assis, referências à *Revue* estão presentes em vários autores brasileiros como Araújo Porto-Alegre, que publicou, na *Minerva Brasiliense*, juntamente com Emile Adêt, artigo em resposta aos “insultos” feitos pelo Conde de Suzannet e inseridos na *Revue*, assim como L.B. e F.T. que publicaram cartas sobre a mesma questão, na seção “Correspondências”, do *Jornal do Commercio* de 1844; Lima Barreto que, antes de falecer com um de seus exemplares nos braços, a colocou como leitura obrigatória de seu personagem M. J. Gonzaga de Sá:

Gostava Gonzaga de Sá muito de revistas. A variada instrução que recebeu, e o seu gosto policrônico permitiam-lhe seguir, sem esforço, a anarquia dos seus artigos. Assinava a *Revue*, o *Mercure*, a *Revue Philosophique*; mas, de todas, a *Revue des Deux Mondes* é a que mais queria e citava. (p. 29)

À tardinha, Evangelina voltou ao quarto do irmão, que repousava tranqüilamente, em meio a uma porção de livros, revistas e jornais, espalhados na cama. Trazia-lhe uma xícara de chá, com torradas. Trocaram poucas palavras, os dois irmãos:

[...]

Lima Barreto sentara-se na cama, enquanto Evangelina dispunha a bandeja no travesseiro, que havia colocado sobre as pernas do doente. Uma hora depois, retornando ao quarto, encontraria o irmão morto. Continuava sentado, abraçado a um volume da *Revue des Deux Mondes*.⁹

José Dias da Cruz Lima, que publicou, em 1869, uma resposta ao artigo escrito por Elisée Reclus sobre a participação do Brasil na Guerra do Paraguai; Alfredo d'Escragolle Taunay que a menciona em um de seus contos de *Ao entardecer*: "Rapto original", cujo personagem Arnaldo Gracias, boêmio até a medula dos ossos, pretende fundar uma revista que deixará a de Buloz no chinelo. O que vem atestar, mais uma vez, a leitura do periódico, identificando-o com a figura de seu mais importante diretor, François Buloz, e sua importância no Brasil:

Vivia ao Deus dará, sempre em vésperas de estrondosa colocação, já em alguma das secretarias de Estado, onde distribuiria o santo e a senha, introduzindo reformas estupendas de mais apurado cunho literário na feitura das peças oficiais, já à frente de uma publicação periódica que havia impreterivelmente de desbancar a *Revista dos Dois Mundos* – nada menos.

— Vocês verão, anunciava exaltado, convicto, como ponho de pernas para o ar o tal Buloz e toda a sua igreja carranca, pedantesca e jesuítica. Será o protesto do mundo pensante contra aquela ridícula camarinha, que pretende avassalar o intelecto universal. Preparem-se para estourar de tanta gargalhada!

Por enquanto, porém, nem emprego de secretaria, nem revista. Passava os dias a pedir *emprestadas* a amigos e conhecidos umas miseráveis quantias...

⁹ Cf. BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952. p. 334.

Visconde de Taunay: leitor

Alfredo D'Escragolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro em 1843, filho de franceses – a primeira geração dos Taunay aporta no Rio de Janeiro juntamente com os demais membros da Missão Artística de 1816 –, fez seus estudos no Brasil, no Colégio D. Pedro II seguido de seu ingresso, em 1859, na Escola Militar. Incorpora-se, em 1865, como engenheiro militar, ao corpo de exército que parte de São Paulo com a missão de repelir os paraguaios do Sul da província de Mato Grosso. Para tanto, percorre, juntamente com a coluna expedicionária, 2.200 quilômetros de terras do sertão brasileiro. Era toda uma região, ainda pouco conhecida, que se revelava aos seus anseios de naturalista. “Todo o interior do Brasil se abria ante os nossos passos, nada mais, nada menos, e, certamente, a vastidão tem em si inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la – sonho, enfim, de mocidade em que havia bastante pedantismo”.¹⁰

Segundo Medeiros, Taunay não chegou a fazer nenhuma descoberta. No entanto, viajando com lápis na mão, deixou descrições precisas da fauna e da flora, obtidas graças a sua aguçada percepção da natureza¹¹: “Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado desde pequeno a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira, era eu o único dentre os companheiros [...] que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço”.¹²

Escritor contumaz, Visconde de Taunay deixou vasta produção literária representada por romances, livros de contos, peças de teatro, narrativas de guerra, de viagens, relatos memorialísticos, etc. Algumas de suas obras nos permitem analisar o trânsito cultural entre "dois mundos", sendo, portanto, estratégicas devido à posição do autor enquanto importante homem de letras e político na segunda metade do século XIX. Seu olhar de viajante

¹⁰ Cf. MEDEIROS, Sérgio. *Memórias de Visconde de Taunay*. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 13.

¹¹ Garcia em *Três versões de um romance de Taunay*, ao analisar três traduções da obra *Inocência* para o inglês, afirma: “... Certamente o valor enciclopédico ia muito além dos objetivos de realismo literário de Taunay. Vale lembrar que no Brasil não foi raro dar tratamento idêntico a obras estrangeiras que, como *Inocência* para Wells, eram aceitas como retratos fiéis dos lugares descritos...” GARCIA, Frederick. *Três versões de um romance de Taunay*. *Revista do IEB*, n. 09, p. 83-97. 1970, p. 86.

¹² Idem.

naturalista, enriquecido por sua educação artística e seu convívio familiar, filtra o olhar europeu/ francês estabelecendo rica interlocução que contribui na elaboração das imagens da terra e da gente brasileiras encontradas em seus escritos.

Neste artigo nos deteremos, especificamente, na análise das imagens da Monarquia e do Imperador Dom Pedro II. Para tanto, utilizaremos os artigos sobre o Brasil publicados na *Revue des Deux Mondes*, dando maior ênfase àqueles produzidos durante o Segundo Reinado, e as seguintes obras de Taunay: *Retirada da Laguna*, *Mocidade de Trajano* (1871), *Inocência* (1872), *Irecê a guaná*, *Ouro sobre azul* (1875), *Céus e terras do Brasil* (1882), *Ao entardecer* (1901), *D. Pedro II* (1933), *Memórias* (1948) alguns dentre eles publicados originalmente na imprensa periódica.

Norma Wimmer, em *Marcas francesas na obra do Visconde de Taunay*, preocupa-se em identificar as fontes francesas presentes nos romances desse autor, ressaltando a predileção de Taunay por escritores do século XVII e XVIII, não faltando, no entanto, referências a autores contemporâneos, como Octave Feuillet (o mesmo lido pela personagem Sofia de Machado de Assis), George Sand, Paul Bourget, dentre outros, que colaboraram, uns mais outros menos, com a *Revue des Deux Mondes*, dado este que passa despercebido pela autora.

Traços de suas leituras podem ser verificados nas muitas epígrafes que utiliza em seus textos, nos livros estrangeiros em edição "da contrafação belga" que leu, emprestados a seu tio, e que encontramos menção nas *Memórias*, nas discussões sobre literatura que salpicam sua obra ficcional, seja por meio de um personagem que quer demonstrar erudição, como é o caso de Jurema em *Manuscrito de uma mulher*, ou que quer apenas passar o tempo, como Sofia em *Mocidade de Trajano* que lê *Moço Loiro* do "Macedinho", ou como Arnaldo Gracias que pretende publicar uma revista que irá suplantar aquela de François Buloz, até então muito afamada!

A obra escrita de Visconde de Taunay nos fornece pontos de contato tanto com *Revue des Deux Mondes*, em sua ideologia, sua preferência monárquica, sua preocupação em dizer a verdade amparada por testemunhas, correspondentes e políticos locais, quanto com as imagens elaboradas e difundidas pelos seus publicistas sobre o Brasil. A nossa preocupação, portanto, é analisar essa interlocução: Visconde de Taunay e publicistas da *Revue*,

comparando as imagens elaboradas por eles, reconhecendo se são condizentes ou conflitantes e em que sentido.

Alfredo Taunay, assim como seu pai, que fora preceptor de D. Pedro II, tem grande apreço pela Monarquia e, principalmente, pelo Imperador, que considerava um dos mais nobres seres humanos de todos os tempos. Sendo assim, o Visconde não poderia aderir à nova ordem de coisas implantadas no Brasil após a Proclamação da República, retirando-se, inclusive, da vida política.¹³ Em 31 de dezembro de 1889 Taunay escrevia: "Ultimo dia do anno de 1889, em que se produziram tão terriveis occurencias, das quaes a mais cruel foi sem duvida a quéda da monarchia a 15 de Novembro." Em 1º agosto de 1890 publica em *D. Pedro II*:

A Gazeta de Notícias muito me aborreceu trazendo a minha declaração politica entre os *a pedido* e não no corpo da folha, como eu disséra. Este artigo foi muito applaudido.

Pleito eleitoral: De Santa Catharina me perguntam alguns amigos fieis, se, nas proximas eleições de setembro, me apresento disputando um lugar no Congresso. Novamente lhes respondo que não, absolutamente não.

Acho até, que os republicanos têm toda a razão e procedem com altivez e dignidade, esforçando-se para que não medrem pretenções de politicos do passado regimen e com elles repellindo qualquer conchavo.

Orientação diversa importaria declarar ao mundo, que o culpado unico, o unico vicioso e corrupto, que havia em todo o Brasil, era o Sr. D. Pedro II, e a tanto não chegou ainda a injustiça dos homens. - *Visconde de Taunay*. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1890.¹⁴

Em suas *Memórias*, edição póstuma, encontramos mais uma passagem em defesa do regime monárquico e do Imperador:

... Se a República, em menos de dois anos, estragou a obra paciente, constante, patriótica da monarquia e sobretudo de D. Pedro II, o que teria

¹³ Foi membro do IHGB de 1869 a 1891, quando se desliga deste por ter sido nomeado Presidente honorário o Marechal Deodoro da Fonseca.

¹⁴ TAUNAY, A. *D. Pedro II*. São Paulo: Ed. Cia. Nacional, 1933. p.108-109.

sido este Brasil, se os patriarcas da Independência tivessem tomado caminho diverso daquele que lhes era apontado pelo mais alto civismo, pela exata apreciação das coisas e pelos interesses do novo país a constituir?

Em que atraso estaríamos, se começássemos pelas tais instituições democráticas? Naturalmente, há muito imperaria o esfacelamento, puxando cada Estado a formar agitada e ridícula republiqueta. Se agora, apesar da resistência que a todas as violentas causas de separação opões o sentimento da unidade e integridade implantado pela Monarquia, essa é a tendência, que não fora uns setenta anos atrás?

Ah! República, República! Bem a definiu não me lembra mais quem: "É o regime em que cada qual está pronto a sacrificar ao interesse geral o interesse... dos outros".¹⁵

Em *A Mocidade de Trajano* encontramos a seguinte passagem de Sobral, fazendeiro do interior paulista, dando explicações a seu filho Trajano antes de uma reunião política que teria lugar em sua casa:

Emfim, concluiu Sobral, breve verás esses typos e has de te rir da importancia que cada um delles se attribue. Devo dizer-te que sou, isto é, que passo por conservador. Pensando um pouco, inclinei-me para aquelle lado, porque enxergo vantagens serias para o Brasil na prudencia de suas medidas, na madurez e sensatez de seus planos, nas idéas de progresso reflectido por que lutão - não aqui, isto nunca - mas nos circulos onde trabalham as intelligencias e debatem-se os interesses de nossa patria. Vejo mais methodo no governo, mais firmeza, mais seriedade: talvez restricção demasiada em despezas, politica que parece acanhada, mas que é cautela oriunda do medo de errar. [...]. Ficou assim assentado que sou conservador. Não quero comtudo que sigas as minhas idéas por simples lei de descendencia. Serás o que pensares poder trazer mais utilidade ao Brasil.¹⁶

Trajano seguiu os passos do pai e faleceu defendendo a sua pátria na Guerra contra o Paraguai! Importante acontecimento este, estampado, explícita ou implicitamente, na literatura da época, sobretudo na de Taunay, e de grande importância para a formação da

¹⁵ TAUNAY, A. Memórias. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 221.

¹⁶ TAUNAY, A. *A mocidade de Trajano*. São Paulo: Publicações da Academia Paulista de Letras, 1984. p.62-63.

identidade da jovem nação. Francisco Alambert versa sobre essa questão em *Civilização e barbárie, história e cultura*, enfatizando as transformações que sofreram as imagens da guerra ao longo dos anos.

O Brasil na Revue des Deux Mondes

Na *Revue des deux mondes*, por sua vez, encontramos uma série de artigos sobre o Brasil cujo objetivo central era discorrer sobre seu estágio civilizacional. Neles encontramos uma profusão de imagens que não se desviam de todo das representações elaboradas sobre nosso país e que remontam aos cronistas dos séculos XVI e XVII como Jean de Léry, André Thévet, Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, os quais dividem as imagens em basicamente duas: a da terra, quase sempre edenizada, e a do homem, que se contrapõe, por vezes, à primeira.

Na *Revue* podemos observar essa dicotomia quando lemos sobre a vegetação edênica, as riquezas minerais, mas também sobre o alto grau de miscigenação, sobre o índio e a escravidão africana, elementos estes prejudiciais ao avanço da civilização. No entanto, com rara exceção, a figura do imperador escapa a esta visão negativa do "homem" brasileiro.

Em 1844, a *Revue des Deux Mondes* publica "Le Brésil en 1844", de Chavagnes, artigo bastante ríspido, pois o olhar do conde passava pelo filtro da nobreza francesa, não conseguindo enxergar nosso país a não ser por meio de comparações com o grande centro civilizacional onde nascera. Dessa forma ficávamos sempre em desvantagem! Essa imagem divulgada do império do Brasil na França, mas não só, pois a *Revue* era lida em muitos outros países, provocou protestos irados e pedidos de desagravo por parte da intelectualidade brasileira da época, suscitando uma série de artigos em respostas que foram publicados, por exemplo, no *Jornal do Commercio* e na *Minerva Brasiliense*.

Diferentemente dos demais publicistas da *Revue*, e também do Visconde de Taunay, como pudemos ver, tão zelosos para com a Monarquia e seu representante no Brasil, o Conde de Suzannet critica a sistema de governo da época, incapaz de frear o avanço de uma raça mestiça, de inculcar bons princípios morais a seus cidadãos e impor a ordem. Apesar de partidário do regime dos Bourbons, o Sr. de Chavagnes (Suzannet) faz críticas pesadas ao

imperador Dom Pedro II. De acordo com o autor, o Brasil só não se perdeu na mais completa anarquia por causa da riqueza de suas minas e da fertilidade de seu solo e não devido a seus governantes: um imperador inexperiente seguido de ministros ambiciosos.

Dom Pedro II possui uma saúde delicada e uma aparência doentia; atribuem-se a uma timidez excessiva a rigidez e o constrangimento visíveis nas maneiras do jovem imperador. O estilo de vida que se impôs seria suficiente para explicar essa falta de desenvoltura e naturalidade das maneiras. De pequena estatura e dotado de um encorpamento precoce, Dom Pedro faz pouco exercício, e mal monta a cavalo [...] O imperador não fala nunca; fixa em ti um olhar sem expressão; te cumprimenta e te responde por um sinal de cabeça ou um movimento de mão, e te deixa com uma dolorosa impressão, esse príncipe de vinte anos, que parece tão triste e infeliz. A gravidade desse jovem não inspira respeito, mas um sentimento de quase compaixão.

Não se sabe se o imperador, mesmo com boas intenções, poderá satisfazer às exigências de uma tarefa que reclama o concurso de uma alta inteligência e de uma vontade firme. Seria temeroso querer resolver, hoje, essa questão. Até agora, Dom Pedro ainda não exerceu a influência que as formas constitucionais acordam ao soberano, bastante hábil para controlar os partidos; sua única tendência política, até o momento, é uma viva ligação com os antigos privilégios que as rigorosas prescrições de etiqueta seguidas pela corte de Portugal introduziram no Brasil. Alheio a todos os partidos, vê um ministério suceder a um outro sem lamentação como sem prazer. Nenhuma ocasião se apresentou na qual se pudesse julgar as tendências políticas do soberano.

Se passarmos do imperador aos ministros, encontraremos as mais altas pretensões somadas quase que invariavelmente à incapacidade...¹⁷

Em 1851 a *Revue* publica "L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850", primeiro artigo de um "brasileiro", Emile Adêt. O autor já havia travado diálogo com a revista em 1844, quando publica, na *Minerva Brasiliense*, "Resposta ao artigo da *Revista dos Dois Mundo*, intitulado – Do Brasil em 1844; situação moral, política, comercial e financeira", no qual revida às críticas feitas à sua terra de adoção pelo Conde de Suzannet. Desta vez, Adêt

¹⁷ Ibidem. p. 88-89. Neste ponto, o autor vai ao encontro das ideias expostas, sobretudo, no artigo de Saint-Hilaire, analisado anteriormente.

continua sua argumentação de 44 destacando, dentre outros pontos, a figura de D. Pedro II e sua relevância para a manutenção da ordem:

[...] No meio de uma sociedade que ainda está por se organizar, é somente da habilidade e da inteligência do chefe que depende tornar a nação una e forte, enquanto bastaria sua incapacidade e sua fraqueza para dissolvê-la e transformá-la em pó, deixando que cada província se torne um estado independente. Por isso podemos afirmar que, sob um príncipe menos sábio que o atual imperador, o Brasil ter-se-ia transformado rapidamente em um vasto campo de luta e discórdia.¹⁸

De acordo com Adêl, não havia necessidade de o brasileiro se privar de seu orgulho, uma das críticas feitas por M. de Chavagnes e mencionada acima, uma vez que, favorecido pela monarquia constitucional e ainda detentor de riquezas naturais incomensuráveis, só precisava esperar o fluxo migratório europeu¹⁹, que viria prover sua falta de homens²⁰, de trabalhadores, de sábios, que ajudariam no movimento de renascimento político e moral que se daria nessa região, podendo, dessa forma, atingir seu ápice civilizacional.

Pereira da Silva, que publica na mesma revista, em 1858, "Le Brésil en 1858 sous l'Empereur D. Pedro II", já citado anteriormente, vem dar continuidade às idéias de seu contemporâneo, reiterando o papel da monarquia constitucional na manutenção da ordem, abafando todo e qualquer indício de sedição, e na unidade do território. Uma imagem do Brasil que se queria em oposição ao mundo estranho e desolado representado pela realidade das repúblicas da América do Sul:

[...] O princípio monárquico salvou o Brasil, e o princípio monárquico, a cada dia mais respeitado, torna-se cada vez mais caro a seus habitantes. É a esse caráter, sobretudo, que o Brasil deve sua supremacia em toda a América meridional, como o representante mais próspero da raça latina. Se ele não atingiu, até o momento, o desenvolvimento dos Estados Unidos da América

¹⁸ Ibidem, p. 1090.

¹⁹ Essa questão da imigração é bastante discutida por Taunay, homem de letras e político. Enquanto político, ele possuía projetos bem definidos que versavam sobre o casamento civil, a secularização dos cemitérios, separação entre a Igreja e o Estado, a abolição da escravidão, o imposto territorial e uma política imigratória justa.

²⁰ Essa ausência de "homens" é constantemente lembrada pelos viajantes, uma vez que para eles homens eram apenas os brancos civilizados.

do Norte, deixou bem para trás as colônias espanholas, que, antes da independência, eram, no entanto, mais ricas, povoadas, instruídas e industriosas que o Brasil...²¹

Em 1869, na "Chronique de la Quinzaine", assinada por Charles de Mazade, seção que trouxe fama à revista parisiense, e que, segundo o Schwartz (cf. nota 6), teria influenciado Machado de Assis, encontramos o seguinte comentário referente à Guerra contra o Paraguai, no qual enfatiza o papel da monarquia nesse desenlace:

L'Amérique du Sud va-t-elle voir enfin le terme de cette guerre du Brésil et du Paraguay, qui se prolonge depuis des années avec de si tragiques et si étonnantes alternatives? On le dirait aujourd'hui. Cette guerre a été entreprise en commun par le Brésil, la république Argentine et la république Orientale, contre un seul pays, le Paraguay, - mieux encore, contre un seul homme, le dictateur Lopez. En réalité pourtant, c'est le Brésil qui a porté le principal fardeau de la lutte. Il a marché lentement, ayant à traverser des territoires immenses et à remonter des fleuves d'une navigation labourieuse, obligé d'ailleurs de se mesurer sans cesse avec un ennemi tenace, dont il ne prévoyait pas l'énergie et les ressources. Il était arrivé, il y a déjà quelques mois, à l'Assomption, où il s'était en organisant une sorte de gouvernement provisoire. C'est alors que le comte d'Eu, gendre de l'empereur dom Pedro, était envoyé pour prendre le commandement de l'armée brésilienne et pour en finir avec cette résistance d'un homme acharné à défendre le territoire de son pays pied à pied. Lopez, après avoir quitté l'Assomption, s'était créé plus loin une autre citadelle. C'est là que le comte d'Eu et son armée sont allés le chercher; ils lui ont fait essuyer une première défaite, ils l'ont poursuivi la baïonnette dans les reins, et dans une nouvelle rencontre la déroute semble avoir été complète. Il ne resterait à Lopez d'autre ressource que d'errer en *guerillero* dans le désert ou dans les montagnes. Si le comte d'Eu a trouvé le dernier mot au bout de son épée, c'est fort heureux, car enfin à qui peut-elle profiter, cette guerre? Elle a devasté le Paraguay, elle pèsera longtemps sur les finances du Brésil, et il est douteux qu'elle laisse dans ces contrées le travail et la civilisation, dont le progrès est la seule compensation de ces luttes sanglantes.²²

²¹ SILVA, Pereira da. Le Brésil en 1858 sous l'empereur D. Pedro II. *Revue des Deux Mondes*. 15 mar.1858, p. 834.

²² Ibidem. p.510.

Essa temática será explorada, mesmo que tangencialmente, pelo Visconde de Taunay em sua extensa obra, a começar pela *Retirada da Laguna*, a qual buscava dar um sentido público à guerra.

A questão da guerra contra o Paraguai foi importante como aglutinadora de motes identitários. De acordo com Alambert,

Quando o escritor colocou o ponto final em sua narrativa, a guerra já chegara a seu termo. A função da obra passaria a ser, então, a sutil problematização dos impasses da formação da nacionalidade e a exposição do ponto de vista do homem 'civilizado' das terras brasileiras, primeiro para o público europeu, depois para o brasileiro. O livro é tanto uma elegia ao orgulho e heroísmo pátrio quanto um alerta à 'civilização', além de um arrazoado, nem sempre otimista, das dificuldades de sua formação.²³

Em 1873, Imbert de Saint-Amand, em "Le Brésil et les républiques de la Plata après la guerre du Paraguay", enfatiza que o importante, face ao recente episódio que acabava de vir a termo, é manter a paz na América do Sul. A monarquia de Dom Pedro II, apesar de sua suntuosidade, não deve abusar dessa superioridade, caso queira continuar sua carreira civilizadora da raça latina.²⁴

Esses problemas de economia política impõem-se aos pensamentos de Dom Pedro, que, pelo seu caráter, pelos seus antecedentes, pela experiência que lhe conferiram suas viagens, está pronto para tomar a iniciativa das reformas. Foi ele que, depois de vinte anos, deu o sinal de praticamente todos os avanços conseguidos em seu império. A agressão de Lopez o levou a uma guerra que não desejava, e que foi para o Brasil, como para os outros beligerantes, a fonte de sacrifícios que ninguém ousaria prever a extensão ou a duração. Hoje, as coisas entram novamente em sua via normal, e Dom Pedro volta a ter o caráter que as circunstâncias lhe haviam tirado durante cinco anos, aquele de soberano pacífico.²⁵

²³ ALAMBERT JR., F. C. *Civilização e barbárie, história e cultura*. Representações culturais e projeções da "Guerra do Paraguai" nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1998. P.53-54.

²⁴ Sobre essa questão cf. RIVAS, Pierre. *Diálogos interculturais*. São Paulo: Hucitec. 2005.

²⁵ SAINT-AMAND, I. Le Brésil et les Républiques de la Plata depuis la Guerre du Paraguay. *Revue des Deux Mondes*. Paris, 1873, p. 368.

[...] Aproxima-se a hora em que finalmente veremos a agitação substituída pela calma, os golpes de estado pela legalidade, a política fácil e estéril pela política real e fecunda, aquela que tem por objetivo favorecer os dois princípios que dão força à sociedade moderna: o trabalho e a liberdade?²⁶

Paul Bérenger em *Le Brésil en 1879* nota que essa falta de civilização, tão presente no Brasil e nos textos dos publicistas da *Revue*, não se deve, no entanto, à falta de incentivo de Dom Pedro II: “Curiosa anomalia, por toda parte onde a ação do governo central se faz sentir, a vida, o movimento, o progresso se revela; em tudo aquilo que escapa a essa ação, a inércia nativa se alastra, e, no entanto, o próprio governo, visto sua forma representativa, deveria refletir exatamente as qualidades e os defeitos da nação”.²⁷

Nessas paragens, paz era sinônimo de civilização, e a América Meridional inteira encontrará aí sua melhor garantia de futuro, a proteção mais eficaz ao seu progresso e a sua liberdade. Em resumo, manter a paz era não tentar se impor à vizinhança; era acabar com a servidão para que, dessa forma, o capitalismo pudesse se desenvolver; era ampliar as vias de comunicação, liberar a navegabilidade dos grandes rios, para que a civilização pudesse aí adentrar pelas vias comerciais. Dom Pedro II caminha nesse sentido.

Venham, venham medidas novas, estas relativamente bem faceis, e a terra Brasileira será com a monarchia, que tanto e tão bem a tem servido, justo motivo de orgulho para as Americas e até para a humanidade em peso...²⁸

Dessa maneira, fica clara a existência de uma interlocução entre parte da extensa obra de Alfredo d’Escagnolle Taunay – *Retirada da Laguna, Mocidade de Trajano* (1871), *Inocência* (1872), *Irecê a guaná, Ouro sobre azul* (1875), *Céus e terras do Brasil* (1882), *Ao entardecer* (1901), *D. Pedro II* (1933), *Memórias* (1948) –, e os artigos publicados sobre o Brasil ao longo século XIX na *Revue des Deux Mondes*, tanto ideológica quanto

²⁶ Ibidem. p. 376.

²⁷ Ibidem. p. 434-435.

²⁸ TAUNAY. *D. Pedro II*. Op. cit.

politicamente, com especial atenção à figura do monarca D. Pedro II e às ideias de exploração do interior, de introdução de técnicas agrícolas eficientes, de alastramento das vias de comunicação, de abolição da escravidão e de introdução de colonos europeus com fins à civilizar o Brasil.

Referências bibliográficas:

ADET, Emile. Resposta ao artigo da *Revista dos Dois Mundos*, intitulado – Do Brasil em 1844; situação moral, política, comercial e financeira. *Minerva Brasiliense*. vol. II, n. 23, 1844, p. 719-725.

_____. Le Brésil en 1850. *Revue des Deux Mondes*. 15/03/1851.

ASSIS, M. *Quincas Borba*. Porto Alegre: L&P, 1997.

ALAMBERT JR., F. C. *Civilização e barbárie, história e cultura*. Representações culturais e projeções da "Guerra do Paraguai" nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1998.

_____. *Chronicas (1859-1888)*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1937.

BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952.

BARRETO, L. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Ática, 1997.

BELLUZZO, A. M. M. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1999.

BERENGER, P. Le Brésil em 1879. *Revue des Deux Mondes*. 15/01/1880.

BESSONE, T. *Palácio dos destinos cruzados*. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BRZOWSKI, J. *Rêve exotique. Images du Brésil dans la littérature française. 1822-1888*. Cracóvia: Editions Abrys, 2001.

CAMARGO, K. A. F. *A Revue des Deux Mondes: uma intermediária entre dois mundos*. Natal: EDUFRN, 2007.

CARELLI, M. *Cultures croisées/Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil, de la découverte aux temps modernes*. Paris: Nathan, 1993.

CARVALHO, J. M. D. *Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COSTA, E. V. da.. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, n. 16, 1953, p. 317-342.

CRUZ LIMA, J. D. da. *Réponse à un article de la Revue des Deux Mondes sur la guerre du Brésil et du Paraguay*. Rio de Janeiro: Imprimerie Universelle de Laemmert, 1869.

JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

LAMBERT, M. L'illustration dans les contrefaçon belges. Une approche systémique . *Image & Narrative*. Disponível em: <http://www.imageandnarrative.be/inarchive/graphicnovel/marijlambert.htm>. Acesso em 24/09/2011.

LOUE, T. *La Revue des Deux Mondes de Buloz à Brunetière*. De la belle époque de la Revue à la Revue de la Belle Époque. Lille: Atelier National de Reproduction des Thèses, 1998.

MACHADO, U. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001.

NAXARA, M. R. C. *Cientificismo e sensibilidade romântica*. Brasília: Ed. UnB, 2004.

PARREIRA, M. P. *Estratégias do falso: realidade possível em Henry James e Machado de Assis*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2007.

PASSOS, G. P. *O Napoleão de Botafogo*. São Paulo: Annablume, 2000.

SILVA, Pereira da. Le Brésil en 1858 sous l'empereur D. Pedro II. *Revue des Deux Mondes*. 15/03/1858.

PORTO-ALEGRE, A. Huma palavra acerca do artigo do Sr. Chavagnes intitulado O Brasil em 1844. *Minerva Brasiliense*. vol. II, n. 23, 1844, p. 711-719.

ROUANET, M. H. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAINT-AIMAND, I. Le Brésil depuis la guerre du Paraguay. *Revue des Deux Mondes*. 15 jan.1873.

SCHAPOCHNICK, N. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1999.

SILVA, L. O. Propaganda e realidade: a imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX. *Revista Theomai*. n. 3, 2001.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SÜSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SUZANNET, Cte.. Le Brésil en 1844: situation morale, politique, commerciale et financière. *Revue des Deux Mondes*. Paris, 1844.

_____. *Souvenirs de voyages. Les provinces du Caucase, l'Empire du Brésil*. Paris: G.-A. Dentu, Imprimeur Libraire, 1846.

_____. *O Brasil em 1845*. Trad. Márcia de Moura Castro. Rio de Janeiro: Liv. Ed. da Casa do Estudante Brasileiro, 1954.

TAUNAY, A. d'E. *Ao entardecer: contos vários*. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

_____. *A mocidade de Trajano*. São Paulo: Publicações da Academia Paulista de Letras, 1984.

_____. *Inocência*. São Paulo: FTD, 1998.

_____. *Manuscrito de uma mulher*. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, 1900.

_____. *O encilhamento*. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

_____. *No declínio*. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

_____. *Ouro sobre azul*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

_____. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Céus e terras do Brasil. Viagens de outrora. Paisagens brasileiras*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

_____. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

_____. *D. Pedro II*. São Paulo: Ed. Cia. Nacional, 1933.

_____. *Irecê a guaná*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

